



LIBRATURAS: apontamentos à arte hiper-visual tecnológica Libraturas: notes on technologic and hyper-visual art

POLYANNA ANGELOTE CAMELO

RESUMO:

Nossos objetivos transcorreram um percurso teórico-filosófico, partindo da reflexão sobre os significados de palavras inclusivas no contexto da comunidade surda, para mostrar que elas na verdade camuflam preconceitos que atrasam o desenvolvimento da cultura *hiper-visual*, palavra que substitui, para nós, o termo “surda”. Pensando positivamente sobre a diferença, do ponto de vista multicultural, e não negativamente sobre a deficiência, apresentamos ideias filosóficas e tecnológicas para o desenvolvimento de um novo gênero ao qual chamamos Libraturas, e que envolve a literatura sinalizada, somada às tecnologias de animação para vídeos. Pois acreditamos que diante da velocidade com que a sociedade vem se apropriando das TICs (Tecnologias da Informação e da Comunicação), a cultura dos hiper-visuais, como preferimos chamar os “surdos” deverá criar um novo tipo de gênero literário, que abrace as potencialidades visuais da animação e das demais técnicas de vídeo.

Palavras-Chave: Literatura Surda, Libras, Arte hiper-visual.

ABSTRACT:

Our goals have passed a theoretical and philosophical journey, starting from the reflection on the meanings of inclusive words in context of the deaf community, to show that they camouflage actually prejudices the development of “hyper-visual” culture, a word that replaces, for us, the term “deaf”. Thinking positively about the difference, and not negatively on disability, we present philosophical and technological ideas for the development of a new literary genre that we call Libraturas, that involves singilized literature, plus the animation for video technologies. Because we believe that given the speed with which the society is appropriating ICTs (Information Technology and Communication), the culture of hyper-visual, as we prefer to call the “deaf”, should create a new kind of literary genre that embraces the visual possibilities of animation, such as other video techniques.

Keywords: Deaf Literature, Libras (Brazilian-Sign-Language), Hyper-visual Art.

INTRODUÇÃO

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. (BONDÍA, 2002. p.21)

A partir da crença que compartilhamos a partir de Jorge Larrosa Bondía, expressa em suas *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*, escreveremos sobre a aquisição da linguagem e sua relação com a formação cultural do sujeito; bem como sobre as novas possibilidades tecnológicas que indicam o nascimento de um novo gênero literário, ao qual chamaremos “Libratura”¹, por se tratar da literatura-em-Libras, facilitada pela tecnologia, hoje acessível e comum à maioria das pessoas. Afinal, para esse gênero recente, brasileiro, o da literatura em libras, especificidade da literatura surda brasileira, Libraturas, não lhe convém a raiz “litteris/letras”. Obviamente, melhor seria, para um gênero novo, que o mesmo tenha um nome aplicável ao seu uso em qualquer língua; neste caso, em qualquer das línguas de sinais usadas no mundo. Mas, ao falarmos em Libraturas, anulamos essa possibilidade e restringimos o gênero à sua aplicação brasileira, posto que a Libras é a Língua de Sinais Brasileira e que cada ampla comunidade linguística, geralmente nacionalizadas, contam com sua própria língua de sinais.

As línguas de sinais são tão antigas quanto as línguas orais. Já que é natural dos animais (e neles não nos excluimos, a humanidade) a faculdade de se comunicar. Os “surdos” (ainda precisaremos chamá-los assim) devem ter buscado a comunicação visualmente, e de modo espontâneo criaram sinais utilizando gestos e expres-

¹ Librasuras ou Libraturas? Terminando a palavra “libras” em “s” o termo “librasuras” seria bastante conveniente; entretanto, sua semelhança com a palavra “basura” (lixo em língua espanhola) nos faz optar morfológicamente por “libraturas” que guarda maior similaridade com a tradicional literatura, e por isso mesmo, traz à mente instantaneamente seu sentido rebelde e inovador em relação a esta. O sufixo grego formador de substantivos abstratos “ura” parece-nos ainda apropriado.

são facial para dialogar. Em algumas culturas, os surdos foram deusificados (como no Egito Antigo) mas em muitas outras até uma história bem recente, eles foram tratados (infelizmente ainda o são em muitas situações) como deficientes. Como se a incapacidade da fala (dado seu primado, e o da escrita) acarretasse em inabilidade social. A ignorância da cultura e identidade “surda” é causadora da perpetuação de erros como este.

LEGISLAÇÃO INCLUSIVA

Entretanto, é para quebrar esse estigma falacioso, preconceituoso e oprimente, que a legislação brasileira, a exemplo do que já ocorre em outros países, como a Suíça, a França, a Inglaterra e os Estados Unidos, sanciona novas leis para mudar esse antigo cenário paradigmático. Primeiramente, a Lei 10.436 de 24 de abril de 2002, que reconhecer a Libras como reconhecida como meio legal de comunicação e expressão, tornando-a língua oficial do Brasil; cabendo ao funcionalismo público e ao sistema educacional nacional o apoio à sua difusão, bem como a garantia ao atendimento de seus usuários; além disso, deve o sistema educacional a incluir nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, bem como nos PCNs. Essa lei, assinada por Fernando Henrique Cardoso, e Paulo Renato Souza, é sucinta e contém apenas cinco artigos curtos; sendo o último, sobre seu vigor a partir da data de publicação. No final do quarto artigo, o que versa sobre sua inclusão no sistema educacional conforme descrito acima, e em nítido paradoxo à finalidade da lei mesma, o realce ao primado da escrita: *A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.*

Mais de três anos depois, Luís Inácio Lula da Silva e Fernando Haddad, ampliam essa legislação inclusiva em mais trinta e um artigos, no Decreto 5.626 de 22 de de-

zembro de 2005. Este Decreto amplia as mudanças oficiais iniciadas na Lei anterior, e, entre outros pontos, instaura a Libras como disciplina curricular, impulsionando a formação de professores, instrutores, tradutores e intérpretes, e criando o Prolibras², além de obrigar a cota para as empresas públicas de possuir, ao menos, cinco por cento de seus servidores capacitados ao uso de Libras, e garantir o direito à educação para as “pessoas surdas ou com deficiência auditiva”.

Quase outros cinco anos se passaram até que Luiz Inácio Lula da Silva, Luiz Paulo Teles Ferreira Barreto, Fernando Haddad, Carlos Lupi e Paulo de Tarso Vanucchi assinam a Lei 12.319 de 1º de setembro de 2010. Esta nova lei, contava com dez novos artigos, sendo que três deles foram vetados pelo Ministérios da Justiça e do Trabalho e Emprego por inconstitucionalidade e contrariedade ao interesse público no que diz respeito ao exercício da profissão de Tradutor e Intérprete, justificando, principalmente, que:

O projeto dispõe sobre o exercício da profissão do tradutor e intérprete de libras, considerando as necessidades da comunidade surda e os possíveis danos decorrentes da falta de regulamentação. Não obstante, ao impor a habilitação em curso superior específico e a criação de conselhos profissionais, os dispositivos impedem o exercício da atividade por profissionais de outras áreas, devidamente formados nos termos do art. 4º da proposta, violando o art. 5º, inciso XIII da Constituição Federal.

Realmente, se a lei vem para suprir uma necessidade social, ela não pode dificultar sua realização. Sendo assim, a Lei 12.319 de 1º de setembro de 2010 tem como finalidade regulamentar o exercício da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais, para suprir a demanda da comunidade surda brasileira. Por fim, assinada por Dilma Rousseff e Fernando Haddad, podemos citar ainda a Lei 7.611

² O Prolibras (Exame Nacional para Certificação de Proficiência no uso e no ensino de Libras e para Certificação de Proficiência na tradução e interpretação de Libras/Português/Libras) certifica pessoas surdas ou ouvintes fluentes em Língua Brasileira de Sinais (Libras) que já concluíram o ensino superior ou o ensino médio.

de 17 de novembro de 2011, com seus onze artigos acrescidos de vários parágrafos e sub-parágrafos tratando da inclusão social e dos direitos das pessoas com alguma deficiência, aponta diretrizes para o Estado cumprir com seu dever junto à educação das pessoas público-alvo da educação especial.

MULTICULTURALISMO E SURDEZ

Por tudo isso, e dentro deste novo contexto, inauguramos uma, ainda lenta, caminhada rumo à mudança de paradigma quanto ao tratamento e à inclusão de pessoas com alguma “deficiência”. O destaque a esta palavra tem a função de ressaltar sua carga cultural negativa, no intendo de, a partir de agora, a substituir por outra, mais multicultural: “diferença”,

de forma que essa discussão avance para a questão de um multiculturalismo benigno como afirma McLaren (1997)³, que visa a um cotidiano democrático em que se valoriza o individual e o coletivo, os semelhantes e os diferentes. Nessa perspectiva, é preciso entender que não se trata de reconhecer ou aceitar o outro diferente, mas compreender essa diferença e com ela pensar em um currículo mais adequado para a escola e com ele as condições para que essa possa realmente atuar numa perspectiva multicultural. (JUNCKES, 2009. p.1)

É justamente por desejar ressaltar essa diferença benigna, e promover a multiculturalidade a partir da própria língua portuguesa (como segunda língua dos “surdos” ou nativa dos ouvintes) que precisamos pensar bem sobre os termos mais repetidos que escondem resquícios do paradigma anterior em declínio. E é assim que retornamos ao texto de Bondía, porque, como ele, nós também cremos no poder das palavras. Em como as mesmas carregam significados camuflados, que escamoteiam

³ MACLAREN, Peter. *Critical Pedagogy and Predatory Culture. Politics in a Postmodern Era*. London and New York: Routledge, 1995. Apud, JUNCKES, Roseane Santana. Multiculturalismo. EDIÇÃO No 1 – 2009. Educação a Distância Tupy, Sociesc.

sentidos muitas vezes ocultos e geralmente filhos de paradigmas anteriores, podendo ser também preconceituosos.

Antes, os sujeitos surdos eram considerados deficientes e a surdez era uma patologia incurável, agora, eles passaram a ser 'diferentes'. São os sujeitos surdos que têm que dizer o que é melhor para eles, eles precisam respirar sua própria surdez sim, como os ouvintes respiram sua 'ouvintez'. (STROBEL, 2008, p. 39)

Essa diferença agora passa a ser valorizada, e não o contrário. Daí nasce a “cultura surda”, da aceitação desta diferença enquanto essência de si mesmo, por isso Strobel fala que “surdos” precisam respirar sua própria “surdez”. E logo em seguida cria o neologismo “ouvintez”. A pergunta que nos fazemos é: por que o primeiro termo existe e nos é comum, enquanto que o segundo não? Porque o preconceito criou o termo “excludente”, enquanto que a “normalidade” não precisou ser nomeada. É aí onde a cultura surda se faz importante para a comunidade. Ainda segundo Strobel (2008, p.24) a cultura surda é o modo de *o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com as suas percepções visuais*, ressaltando que serão fundamentalmente essas percepções visuais enquanto suas características identitárias e diferenciais que irão contribuir *para a definição das identidades surdas e das almas das comunidades surdas* (Ibid.). Porque o *sujeito surdo [não] tem que viver e submeter-se a essa maioria que o rodeia* (Id., p.82), como pensa a maioria ouvinte, que mesmo, muitas vezes, reconhecendo que exista uma cultura surda, não se interessa compreender a mesma, menos ainda em fazer parte dela. Por isso mesmo, é preciso que cada comunidade linguística se aproprie de seus códigos e reinvente seus signos, pois nossas palavras carregam preconceitos culturais (de)formadores que precisam ser revistas com cautela para serem desconstruídas.

QUALIDADES DOS HIPER-VISUAIS

Esse é também o caso da palavra “surdo”, que forma o termo “Literatura Surda”, aplicada em seu feminino para concordar com literatura. Acreditamos que esta palavra, em si mesma, é preconceituosa e limitadora, mesmo já tendo passado por tantas revisões éticas, posto que deixamos de usar outros termos piores, como deficiente visual e surdo-mudo. O primeiro, porque deixa clara a deficiência da visão; já o segundo, porque duplica esta deficiência. No entanto, percebemos que o termo “surdo” é ainda um sinônimo que destaca a deficiência e não a diferença potencial. Por isso, preferimos falar em hiper-visualismo, em pessoas hiper-visuais, que em “surdos”. Novamente, porque, ao invés de focar na falta, desejamos focar na diferença benigna. Sendo assim, a palavra “surdo” funciona principalmente enquanto antônimo de ouvinte, estando assim, presa ainda ao ponto de vista de quem ouve. Os hiper-visuais precisam ser vistos e pensados sob o seu próprio ponto de vista, do contrário, estarão sempre presos ao preconceito daqueles diante de sua falta em relação à audição. É justamente porque *as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação* (Bondía, 2002, pp.20-21) que precisamos pensar sobre o que está por trás das palavras que tanto usamos. Principalmente, quando se tratam de palavras que categorizam grupos de pessoas, pois a palavra irá funcionar para a subjetivação da identidade das mesmas. Por isso mesmo, precisamos redefinir o modo como categorizamos o grupo das pessoas “surdas”, passando a as chamar, por exemplo, de “hiper-visuais”, ou outro termo que se escolha a partir de sua diferença positiva.

São muitos os problemas envolvidos no simples ato de nomear um grupo identitário. Para exemplificar melhor os reflexos práticos do que falamos, pensemos em termos de inclusão no mercado de trabalho. Hoje, os “surdos” contam com cotas e leis que

beneficiam e/ou obrigam os contratantes a os incluir enquanto produtores ativos na sociedade. Isso acontece justamente porque a sociedade os enxerga através de sua falta. Mas, se os re-nomearmos a partir de sua diferença positiva, poderemos encontrar funções em que os “hiper-visuais” serão privilegiados não por causa de uma lei ou cota, mas por sua qualidade diferencial. Quantas funções sociais hoje exigem hiper-visualidade? Você consegue pensar em algumas profissões ou atividades em que um hiper-visual seria preferido para a função? Percebe como a mudança no nome é geradora de uma mudança de realidade mais profunda?

Pessoas com habilidades “hiper-visuais” devem ser naturalmente sobre-valorizadas na atualidade. Já que vivemos tempos onde a “experiência” está em falta. Se aos hiper-visuais lhe falta a audição, aos ouvintes lhe falta a “experiência”, no sentido apresentado pelas ideias e Bondía ao revistar o termo a partir da comparação de seu significado em vários idiomas (Id., p.21). Assim, dizemos em português que experiência é “o que nos acontece”; em francês, “ce que nos arrive”; em italiano, “quello che nos succede”; em inglês “that what is happening to us”; e por último, em alemão, “war mir passiert”. O que todas as línguas tem em comum, no caso, são os pronomes recíprocos. Por isso, Bondía vai concluir que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” Porque *a cada dia se passam muitas coisas, porém ao mesmo tempo, quase nada nos acontece* (Ibid.).

E então porque os hiper-visuais estão mais aptos a “sentir” e portanto experimentar acontecimentos? Porque, ainda segundo o autor, a experiência está cada vez mais rara. Para tal, ele apresenta quatro motivos. Três deles são excessos, a ver: de informação, de opinião e de trabalho. Apenas um dos motivos para a raridade da experiência é uma falta: a do tempo. Todos estão entretanto, intimamente relacionados, por serem, paradoxalmente, causa e consequência um do outro. Porque:

O sujeito moderno não só está informado e opina, mas também é um consumidor voraz e insaciável de notícias, de novidades, um curioso impenitente, eternamente insatisfeito. Quer estar permanentemente excitado e já se tornou incapaz de silêncio. Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o excita, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência. (Id., p.23)

Ou seja, a velocidade, promotora dos excessos e inimiga mortal da experiência, provoca a falta de silêncio, que está intimamente relacionada à falta de memória; justamente porque é preciso “silêncio” para se estar presente plenamente, para sentir ao mundo e a nós mesmos no mundo, e portanto, para se guardar essa sensação profunda, que é geradora de “experiências” genuínas, no sentido de que fala Bondía. Ora, pois, os hiper-visuais vivem um mundo silencioso; e se outrora esse fato era tido como negativo, agora, nos tempos velozes e de poluição sonora cada vez mais amplificada, permanecer na paz do silêncio é sinônimo de equilíbrio e saúde. Por isso mesmo, desde 2008, o barulho excessivo está na mira da Lei do Silêncio (lei nº 4.092/08). Assim, a falta de urbanidade pelo exagero de muitos, todos juntos, resulta em uma população estressada e com doenças diretamente ligadas ao excesso de barulho. Dentro deste contexto, os hiper-visuais “experenciam” visualmente uma urbanidade diferente. E portanto, têm mais facilidade de viver experiências, destas que “transformam”. Pois, a experiência, assim, como a queremos aqui, ela:

requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Ibid.,p.24).

POÉTICA ZEN DOS HIPER-VISUAIS

Sim mas, Bondía fala também em escutar devagar, abrir os ouvidos. É claro que dentro do contexto de suas explicações sobre a experiência ele inclui todas as formas possíveis de relação com o mundo, e com a alteridade. Mesmo porque ele não estava escrevendo sobre a identidade dos hiper-visuais. Isso o estamos fazendo nós, agora, a partir de seu texto. Porque percebemos uma relação estreita entre o silêncio e um certo tipo de conhecimento, que pode ser chamado de inocente, mas também estudado enquanto filosofia profunda, paradoxalmente, como gostam os zen-budistas.

Foi D. T. Suzuki, estudioso da cultura zen, e grande divulgador de sua filosofia, quem traduziu para o inglês, o termo japonês “sonomama” como “suchness”. Vários livros seus tratam do tema, e ele ainda hoje é citado por aqueles que buscam uma compreensão não intelectual do mundo, e sim, inocente, no sentido da experiência, que pode ser igualado a que uma criança tem do mundo. Pois a a relação desta com o que está à sua volta ainda não está manchada pelas conceptualizações culturais que nos formam. Abraham H. Maslow, teórico conhecido por suas análises das necessidades e comportamentos humanos, é um dos autores ocidentais que desenvolve a filosofia de Suzuki sobre a experiência perceptiva oriental. *The Farther Reaches of Human Nature* (1971), de Maslow, reúne vários ensaios seus. No capítulo 19, temos suas *Notes on Innocent Cognition*⁴. Neste capítulo, o autor, citando Suzuki inúmeras vezes, fala sobre a experiência silenciosa do *sonomama* enquanto percepção da natureza em sua “essência”, ou seja, “in it suchness”. Maslow retoma um poema

⁴ Primeiramente publicadas como *Notes on innocent cognition*. In L. Schenk-Danzinger and H. Thoma (Eds.), *Gegenwartsprobleme der Entwicklungs Psychologie: Festschrift fur Charlotte Buhler*, Verlag fur Psychologie, Gottingen, 1963. Reprinted in *Explorations*, 1964, 1, 2-8.

citado por Suzuki da poesia mística de William Blake, comparando-o à filosofia japonesa do *sonomama* (p.252):

*To see a world in a grain of sand,
And a heaven in a wild flower,
Hold infinity in the palm of your hand,
And eternity in an hour.*

*(Para ver um mundo num grão de areia,
E um céu numa flor silvestre,
Segure o infinito na palma da sua mão,
E a eternidade em uma hora.)⁵*

Para se conseguir ver num grão de areia um mundo, é necessário que se desenvolva a percepção de que fala Bondía. É claro que há um misto de poesia e misticismo nas palavras de Blake. Entretanto, é justamente disso que trata a “essência” de algo “as it is” - tradução exata do japonês para o inglês de *sonomama*. Assim, podemos identificar nessa inocência, tanto poético-Blakeana, teórico cognitiva Bondiana, filosófica oriental suzukiana, algo em comum: o silêncio enquanto janela para uma percepção mais visual e presentificante. A isto tudo, podemos ainda linkar os estudos poéticos sobre a aquisição de linguagem de Claude Esteban (1991). Cujas teoria, inspirada na obra de Octávio Paz, faz-nos refletir sobre o efeito ambíguo da língua, enquanto hiato que separa o homem do real a sua volta, substituindo referentes por significantes, num processo que terá seu retorno através da linguagem poética. Ambos críticos literários, teóricos e poetas, pensaram a linguagem poética enquanto solução para reaproximar a humanidade à transparência do real. Sim, porque o mundo é real, e também o poeta assim o enxerga através de seu silêncio inspirado:

*O dia
É uma vasta palavra clara.
O mundo é real.
Eu vejo,*

⁵ BLAKE, William (1757–1827). *Auguries of Innocence* (356). In: *English Poetry II: From Collins to Fitzgerald*. Vol. XLI. The Harvard Classics. New York: P.F. Collier & Son, 1909–14.

Habito uma transparência.
Octávio Paz⁶

Quando em nossa fase pré-linguística, nós apreendemos o mundo apenas através de nossos sentidos. Porque a criança que ainda não pensa, só sente. E para o sentir, explora-o. A tudo deseja tocar, cheirar, levar à boca. Seu único modo de entender o que está em sua volta, é aproximando-se, mas mais que contemplando, apropriando-se. Nesta fase, a aquisição da língua coincide com o complexo de Édipo. E se por um lado precisamos nos afastar do seio materno e encontrar nosso lugar na tríade familiar; por outro, também a língua vai nos afastando desse contato pleno com a natureza em sua essência (*its suchness*), para a pensar com palavras:



No primeiro triângulo podemos ver as personagens do Complexo de Édipo. Fase em que a criança ainda muito pequena, em seus primeiros anos de vida, precisa abrir mão de seu lugar privilegiado no seio da mãe, para que o Pai volte a ocupar seu lugar de direito. É comum ao nascimento da criança, a mãe passar a se dedicar mais a esta que ao seu marido, e seus próprios afazeres. A criança, quanto menor for, demanda atenção intensa. Com o passar dos anos, vai ganhando autonomia e, conseqüentemente, a mãe vai recuperando parte de sua rotina anterior. Devido à amamentação, a criança, muitas vezes, tem seu leito transposto ao quarto dos pais, para

⁶ Apud STEBAN, Claude. 1991, p.174.

estar mais perto do seio da mãe. Mas, mais cedo ou mais tarde, é chegada a hora de desocupar o quarto dos pais, sair de tão perto da mãe, e passar ao seu próprio aposento. Para uma criança pequenina, esta será a primeira grande mudança pela qual passará. Toda a sua vida conhecida até então, é mamar, ser cuidada pela mãe e estar sempre perto dela. E agora, mais autônoma, alimentando-se de outras fontes, aprendendo a fala, a criança precisa encontrar um novo lugar o seio familiar, reconhecendo no Pai, o verdadeiro “dono” da mãe. Essa fase, a fase edipiana, nem sempre é superada com tranquilidade pelas crianças e/ou pelos pais. Por isso mesmo, Freud percebeu sua importância psíquica na dinâmica familiar e depois de muitas pesquisas sobre as consequências de seu “mal-resolvimento”, nomeou o complexo segundo a antiga peça de Sófocles, umas das mais conhecidas tragédias gregas até hoje. Já que na mesma, Édipo cumpre fatalmente seu destino previsto pelo Oráculo de Delfos, e, sem saber, mata o Pai, Laio, e se casa com Jocasta, sua mãe. Metaforicamente, Freud lê que nesta fase, tudo o que a criança deseja é permanecer na vida segura que tem: continuar mamando o seio de sua mãe, tendo-a sempre ao seu lado, com o pai em segundo plano; que pode ser traduzido em termos mais trágicos, porém unicamente simbólicos, como “matar o pai para casar com a mãe”. Na verdade, seu desejo é não alterar a vida que tem desde seu nascimento. Não passar pela primeira mudança de vida, em fase ainda tão terna. Pois bem, o que antes era uma via de mão única, entre infante e mãe, vira, naturalmente um triângulo, com o Pai, geralmente, ocupando o lugar de chefe da família (mas é óbvio que as coisas mudaram muito com as novas composições familiares modernas).

De modo semelhante, podemos ler o segundo triângulo. Nesta mesma fase, de mais autonomia da criança que perde eu lugar para o Pai, a criança afasta-se também de um relacionamento íntimo e intenso com o real à sua volta, deixando de viver uma relação de via única com o mundo, para viver o mesmo através da língua, dos novos códigos aprendidos, juntamente com seus significados culturais. Pensemos na pala-

vra “beija-flor” em alguns idiomas, além do português: *humming-bird*, *oiseau-mouche*, *hachi-suzume* e colibri. Cada uma delas guarda uma particularidade do pássaro real. Em português, temos uma metáfora visual, do pássaro que voa parado ao se alimentar do néctar da flor, e por isso, seu voo parado comparado com o ato de um beijo; em inglês já não temos um metáfora visual, e sim, uma onomatopéia, reproduzindo a vibração do zunido das asas do beija-flor, pássaro de voo extremamente veloz, e que por isso mesmo consegue voar parado e faz uma “zoada” com suas asas rápidas; em francês e japonês, temos construtivamente outras metáforas visuais, mas não tão poéticas quanto a da língua portuguesa - o francês e o japonês focam no tamanho do beija-flor, pássaro pequeno como uma “mosca” ou pequeno como uma “abelha”; e em espanhol, um nome descritivo de outras duas qualidades do beija-flor, sua cor e seu brilho, colibri, *color* e *brillo*. Enfim, em cada um destes idiomas, temos uma palavra diferente que nomeia o real com uma faceta apenas dele. O problema é que, antes de se saber o nome do pássaro, beija-flor, quando uma criança em fase pré-linguística o via, ela o via em sua “essência”, *sonomama*, *suchness*. Mas depois de aprender a palavra, esta estará sempre entre si e o real nomeado. E será preciso uma verdearia experiência, para se libertar dos significados camuflados da língua oral. Não que as línguas visuais também não particularizem o real, mas estas mantêm com o mesmo uma relação ainda direta. O que não acontece mais com as línguas orais. Foi-se o tempo em que a palavra era sagrada e trazia à mente a coisa-em-si.

A tarefa do poeta a partir daí já não seria lutar contra a hegemonia sempre ameaçadora dos Signos, fazer com que não se acentue ainda mais a distância sempre ameaçadora entre o que nos resta do real e os vocábulos que o convocam?... É certo, os deuses se afastaram; os símbolos envelheceram; as coisas perderam sua seiva nativa, sua substância; e o homem que as questiona, com seus gestos (grifo da autora), com suas palavras, não tem mais o poder, diríamos, de restituir-lhes o peso, o lugar, a presença no âmago de um universo que se furta e onde ele próprio procura em vão seu estatuto. (ESTEBAN, 1991, p.163-164.)

Os signos tornam-se ameaçadores, como o Pai. E acentuam a distância entre o sujeito e o real, como entre a criança e sua mãe. Gostamos de exemplificar essa ameaça hegemônica, ainda utilizando o exemplo dos nomes do beija-flor, imaginando uma menina, de uns dois anos, que já aprende a falar ganhando sempre vocabulário e novas formulações frásicas. Ela já conhece o nome “passarinho”, mas não sabendo o nome de todos eles, e já sabendo que cada espécie tem um nome dado, ao ver um beija-flor parado, pergunta pelo seu nome. E de imediato, se for brasileira, apaixonou-se pelo pássaro, pois ao ouvir que se chama beija-flor, ganha da nova palavra o beijo na flor, visão que não tinha até então, e que jamais a deixará. Sempre que ver o tal pássaro, verá o beijo dele na flor. Um encanto de presente linguístico. Entretanto, se for francesa, ouvirá que que aquele pássaro se chama “pássaro-mosca” e já conhecendo esta, ganhará uma associação eterna entre algo que já lhe foi ensinado como sujo, no caso a mosca, “eca!” e o “pássaro-mosca”, estarão para as crianças francesas sempre relacionados. Sendo assim, percebemos claramente, que ao ganharmos um código linguístico ganhamos uma visão de mundo, uma cultura linguística. E estes signos hegemônicos estarão sempre entre nós e o mundo real, acentuando a distância que aprendemos a aumentar cada vez mais na medida em que mais aprendemos e crescemos. O pássaro pode ser o mesmo, para duas meninas da mesma idade, num mesmo local, mas nunca será visto do mesmo modo se ambas o conhecerem por línguas distintas, com significados quase opostos em termo poéticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Se a modernidade é líquida, o futuro é air.

*Se a fala hoje tenta reduzir o silêncio a coisa sem sentido, através da 'regressão infinita' de palavras sobre palavras, pensemos o silêncio como princípio da transgressão.
(Aduino Novaes)⁷*

Como então recuperar, restituir, o peso, o lugar e a presença do real no âmago de seu universo furtado? Para Octavio Paz⁸, como para Claude Esteban, a solução está nos próprios Signos: em sua *razão poética*, a bem dizer, capaz de abrir nossos olhos à transparência do real. Afinal, para o poeta, “o dia” tem que ser “uma vasta palavra clara”, porque para ele “o mundo é real”, pois que as palavras são “pontes” que o atravessam de cá para lá, de si ao mundo; porque ele “vê” através das palavras, seu mundo é “transparente”. Ele ‘vê’. “Eu vejo”, ele diz. É preciso que veja, que esteja presente, que experimente com a visão e certo silêncio. A visão é sobre-valorizada, tanto para se encontrar sabedoria na *experiência* (Bondía); quanto para se viver a transparência da linguagem, e se construir uma ponte sobre a hegemonia ameaçadora dos signos. O poeta é, portanto, um “hiper-visual” por excelência. Capaz de sentir e *ver* o mundo sem se deixar contagiar pela *hiato* ameaçador dos signos.

Sendo assim, como pensar a poesia nata da linguagem gesto-visual? E mais que isso, porque a mesma tem seu desenvolvimento tardio e lento? A história das línguas gesto-visuais, bem como da educação “surda” é triste e cheia de retrocessos. Todo esse processo, permeado pelos preconceitos da predominância da audição

⁷ Apud MARINHO, Mariana. 2013.

⁸ Além de suas poesias, reproduzidas por Esteban no capítulo supracitado, o livro tese *O Arco e a Lira* (1956), sugere a poesia como solução para o hiato ameaçador dos Signos. Ou seja, os próprios Signos, se poetizados, tornam-se “ponte” para o real, desvelado.

sobre as relações pessoais, atrapalhou e muito o desenvolvimento da cultura hiper-visual. Há pouco tempo, a educação tem incluído a língua portuguesa somente enquanto segunda língua para estes. Antes, ela ainda era ensino obrigatório, causando mais intolerância da parte dos ouvintes; quanto baixa-estima da parte dos hiper-visuais, que ao invés de terem suas habilidades desenvolvidas, sentiam-se frustrados ao tentar ser igual aos ouvintes sem nunca lhes alcançar, satisfatoriamente, as habilidades de domínio da língua portuguesa, seja na fala ou na escrita. Por tudo isso, e também pela dificuldade em se escrever em língua de sinais, a literatura em libras, Libraturas, não conta com uma história e tradição tão longa e prolífera quanto a das línguas verbais.

Alguns grupos tem desenvolvido a escrita em *SignWriting*. Curiosamente, este método de escrever gestos e movimentos, nasceu a partir da dança, pela norte-americana Valerie Sutton, que na década de 70, em estudos para a Universidade de Copenhague, na Dinamarca, criou um sistema para grafar passos do balé tradicional, o *DanceWriting*. Seus estudos chamaram a atenção dos pesquisadores da língua de sinais Dinamarquesa na mesma Universidade. Eles perceberam ali, naquela escrita para a dança, a possibilidade para também escrever os sinais utilizados na comunicação dos hiper-visuais. E foi assim, que de um sistema simples e manuscrito, *passou-se a um sistema possível de ser escrito no computador, com o programa Signwriter, criado dentro do próprio movimento Sutton (DALLAN⁹)*.

No Brasil, temos alguns especialistas e pesquisadores da *SignWriting*, e já podemos ver vários vídeos no *Youtube* explicando, e mesmo ensinando, a grafia da Libras. Entretanto, conforme conclui Dallan, *a inclusão do ensino de Escrita de Sinais para*

⁹ Maria Salomé Soares Dallan é professora da disciplina de *SignWriting* no curso de Pós-Graduação Lato Sensu Libras e Educação de Surdos das Faculdades Integradas Espíritas - UNIBEM. Artigo escrito para a palestra sobre Escrita de Língua de Sinais, proferida no II Congresso Nacional de Surdez de São José dos Campos, em 23 de maio de 2009.

alunos surdos ainda é recente e faltam profissionais com este tipo de conhecimento específico. Apesar de que, em suas turmas de SignWriting, a docente Maria Salomé Soares Dallan constatou que apesar de seus alunos iniciarem a disciplina receosos quanto ao grau de dificuldade deste sistema de escrita para a Libras, terminaram a mesma achando o mesmo de fácil aprendizado.

Ainda assim, nossa hipótese, para a conclusão destes *apontamentos* é que o momento tecnológico que vivemos favorece sobretudo o florescer da comunicação imagética. Foi-se o tempo em que era difícil ou caro reproduzir imagens - nessa época, os tipos e a imprensa viveram momentos de glória. Agora porém, com a digitalização das informações, e sua disponibilidade, cada vez mais barata - quando não gratuita, em rede, percebemos o retorno das imagens, que na antiguidade e Idade Média dominavam a comunicação coletiva, dada sua instantaneidade de leitura e compreensão. Quanto mais abstratos e arbitrários forem os signos, maior a dificuldade de aprendizado. Não é a toa que a Era das Universidades coincide com a Era da Imprensa. As grandes bibliotecas estão cada vez mais caminhando para se tornar espaços museológicos e de registro histórico, enquanto que o design gráfico tem transformado a comunicação digital, de modo que online encontramos *quase* tudo. Os livros, também caminham para a perda de sua “aura”. Quando Walter Benjamin, teórico da Escola de Frankfurt, publicou seu famoso artigo sobre *A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica* (1955), ele estava prevendo as transformações pelas quais passariam os espaços sagrados, onde as obras de arte do passado mantinham-se em lugar de culto. Com o surgimento das técnicas para a reprodução destas obras, elas, por um lado, ganhavam virtualidade, no sentido explicado por Pierre Levy (1996); mas por outro, perdiam sua posição de culto, e com isso, tendo seus rituais diluídos em práticas corriqueiras. Basta visitar qualquer grande museu, como o *Metropolitan* de Nova York, para se ter toda a história da arte num só lugar; e com um mapa setorial nas mãos, percorrer espaços cada vez mais ambientalizados para

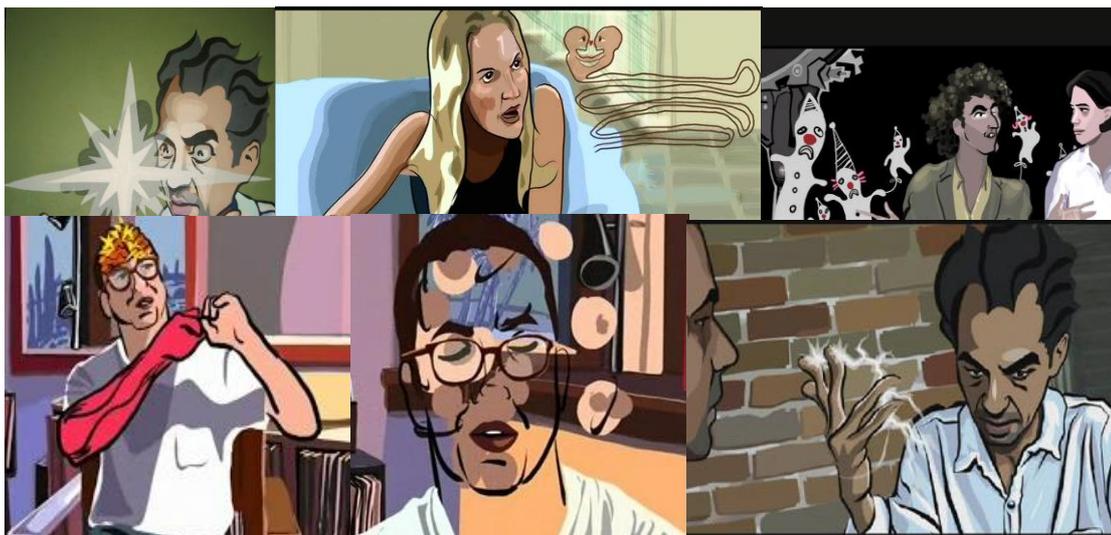
se apreciar obras de arte de períodos históricos distintos oriundas de localidades diferentes. É claro que a ambientação trabalha para simular o sagrado perdido e amenizar a recepção deslocada daquelas obras; mas o lugar de culto é irrecuperável. Ninguém entra numa sala de arte egípcia fazendo honraria aos mortos. Ficamos diante das múmias tirando fotografias através de vidros, postamos nas redes sociais, e seguimos adiante.

Como será o futuro dos originais impressos no formato livro? Com o conhecimento virtualizado, os livros impressos guardarão aspectos materiais que nos farão perder nossa aura projetada neles no ato de leitura. Uma mancha de café, uma dobra de página, uma fotografia antiga, uma dedicatória, uma folha rasgada, um amassado na capa, e tantas outras marcas que guardam a “aura” de um momento ficarão preservada em livros antigos, em estantes cada vez mais museológicas. Com a digitalização de seus conteúdos, a convergência de tecnologias será inevitável. É possível já perceber a tendência dos livros didáticos de se tornar aplicativos, e com a democratização do acesso às tecnologias da internet, os conceitos de web 2.0 implementarão colaboratividade e coletividade a tudo na web. Menos que isso, já se está ultrapassado. Como a Literatura será transformada por esse novo e transformador contexto histórico?

Mais que isso: como desenvolver um novo tipo de *arte hiper-visual tecnológica*, tendo em vista que os “diversos sistemas de registro e de transmissão (tradição oral, escrita, registro audiovisual, redes digitais) constroem ritmos, velocidades ou qualidades de história diferentes” (LEVY, 1996, p.22) A essa arte hiper-visual tecnológica chamamos Libraturas. Ela envolve a língua de sinais, a escrita de sinais, o desenho digital e a animação; cujo registro combinado em vídeo construirá não apenas uma nova forma literária, mas sobretudo em um novo ritmo e uma nova velocidade, qualidades de histórias singulares, com uma poética própria visual e tecnológica, que

some ao ator em Libras tecnologias próprias ao vídeo. Há um filme feito em animação, onde durante as falas das personagens em diálogo, aparecem animações que complementam o que é dito de modo lúdico.

Waking Life, em português *Acordar para a vida*, é um filme norte americano cujo roteiro e direção são de Richard Linklater. O filme apresenta técnica inovadora, com cenas filmadas sobrepostas a uma película que imita uma textura de animações em *flash*. Além da animação sobreposta à atuação das personagens, há efeitos oníricos, também em *flash*, onde percebemos que a mesma complementa o que está sendo dito, unindo tecnologia à comunicação visual, em animação paralela.



Animação paralela. *Waking Life*, de Richard Linklater, EUA, 2001.

Repousando nosso olhar sobre as cenas acima selecionadas, concluímos este artigo na esperança de ter lançado estímulos à produção de uma nova forma de arte hiper-visual tecnológica: Libraturas. Onde não somente tenhamos a Libras, mas também dois tipos de animação em *flash*, a sobreposta e a paralela, dinamizando e

colorindo este gênero. Desejamos, com isso, somar ideias à promoção de *discussões que envolvam o uso da tecnologia na promoção da cultura surda e da Língua Brasileira de Sinais (Libras) a partir de pesquisas na área de linguística e literatura*, conforme objetivo da *Mesa-Redonda: Cultura e Educação de Surdos: Inovações Tecnológicas*, acontecida no início deste mês de Setembro/2014, no *11º Encontro de Letras: Tecnologias no Ensino de Línguas*¹⁰; que contou com a participação da professora Profa. Dra. Lodenir Becker Karnopp (UFRS), que desenvolve pesquisas pelo Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos (GIPES) sobre as narrativas produzidas em comunidades surdas, analisando estas produções em Libras, bem como os modos como *comunidade surda vem imprimindo significados na constituição de identidades e diferenças*. Acreditamos sobretudo que há muito ainda a ser criado, somando-se as produções em libras às tecnologias disponíveis e futuras, na criação desta nova forma de *virtualização* literária, a Libraturas, como modo de acolhimento de novos modelos de contar histórias, prioritariamente hiper-visuais, mas que devem atrair não somente aos “hiper-visuais” mas também aos ouvintes, que terão muito a ganhar com um novo gênero literário-visual, colorido, dinâmico, e cuja nova estética fascine enquanto nova linguagem vídeo-visual.

Porque, para concluir com a teoria de Pierre Levy, *a virtualização é sempre heterogênesse, devir outro, processo de acolhimento da alteridade* (LEVY, 1996, p.25); e por assim ser, talvez possamos também arriscar o lançamento de uma nova metáfora, contígua à de Bauman (2001), substituindo a “água” pelo “ar”, como modo de virtualizar, desmaterializando ainda mais, o futuro não somente das comunicações, mas também das relações. Já que a tecnologia das “nuvens”, a linha “air” da Apple, e a propagação da “wi-fi” apontam sintomas dessa abstração rumo a uma vida tecnológica imaterial. A Libraturas estará nas nuvens, disponível em rede, acessada a

¹⁰ Promovido pela Universidade Católica de Brasília. Mais informações em <http://www.ucb.br/textos/2/1477/MesaRedondaCulturaEEducaoDeSurdosInovacoesTecnologicas/>.



partir de qualquer parte e dispositivo com capacidade para reproduzir vídeo, será compartilhada em redes sociais, e estará em todo lugar mas nunca no papel palpável. Porque se a *modernidade é líquida*, o futuro é *air*.

BIBLIOGRAFIA

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BENJAMIM, Walter. *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. 1955. Disponível em http://ideafixa.com/wp-content/uploads/2008/10/texto_wbenjamim_a_arte_na_era_da_reprodutibilidade_tecnica.pdf> Acessado em 01/09/2014.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, Jan/Fev/Mar/Abr 2002, No. 19. pp.20-28. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/pdf/rbedu/n19/n19a03.pdf>>. Acessado em 10/08/2014.
- DALLAN, Maria S. Soares. *Signwriting: Escrita Visual para Língua de Sinais - O processo de sinalização da escrita*. Disponível em http://escritades.dominiotemporario.com/doc/SIGNWRITING_ARTIGO.pdf> Acessado em 12/09/2014.
- ESTEBAN, Claude. Da poesia como insurreição In: *Crítica da Razão Poética*. São Paulo: Martins Fontes: 1991. pp.163-174.
- JUNCKES, Roseane Santana. *Multiculturalismo*. EDIÇÃO No 1 – 2009. Educação a Distância Tupy, Sociesc.
- LEVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Ed. 34, 1996.

MARINHO, Mariana. *O silêncio como princípio da transgressão*. (Sobre o ciclo de palestras “Mutações 2013”, organizado por Aduino Novaes, que reuniu pensadores brasileiros e franceses, como Olgária Matos, Eugênio Bucci e Francis Wolff, para discutir as relações entre silêncio e prosa.) Disponível em <<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/07/o-silencio-como-principio-da-transgressao/>>. Acessado em 10/09/2014.

MASLOW, Abraham. *The Farther Reaches of Human Nature*. New York: Viking Press, 1971.

STROBEL, Karin L. *As imagens do outro sobre a Cultura Surda*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

Nota: Artigo de conclusão do curso de Pós-graduação em Letras/LIBRAS pelo Instituto Superior Tupy - IST.

IDENTIFICAÇÃO DA AUTORA



POLYANNA ANGELOTE CAMELO

A autora possui Graduação, Mestrado e Doutorado em Letras pela UFPE. É docente e pesquisadora na UNIBRATEC, faculdade referência na área tecnológica em Recife, Pernambuco.

Email: polycamelo@yahoo.com.br